

EDITORIAL

FORMA VERSUS ESSÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: PROTOCOLOS VAZIOS

Rodrigo Nóbrega Martins

De certa feita, quando professor temporário da URCA – Universidade Regional do Cariri – numa reunião de colegiado do curso de pedagogia, ouvi uma professora afirmar que havia reprovado o trabalho de um aluno porque, malgrado ser um bom trabalho, apresentar boas ideias, não ter erros crassos de português, não havia no texto do referido estudante nenhuma citação. Afirmou ainda, a professora, que se houvesse pelo menos uma citação, o trabalho obteria nota máxima. Como não havia, a nota era zero.

Na ocasião eu ainda creditava a muitas figuras do ensino superior a real característica de superior. Eis porque, discordando dela, argumentei que um bom trabalho não precisava, necessariamente, ter citações. Que penalizasse o estudante, tudo bem; que tirasse pontos do trabalho; que recomendasse-lhe algumas leituras, mas daí a zerar o trabalho de forma tão sumária seria uma desproporção... Afinal de contas, qualquer indivíduo, de qualquer lugar poderia descobrir algo absolutamente inédito para a ciência e, tendo esta característica (totalmente inédito), mesmo que quisesse, este aluno não encontraria citações.

A prolixa resposta da professora foi um discurso em prol da forma do trabalho, do texto acadêmico e da imperiosidade das citações; que o aluno, mesmo sendo do primeiro semestre, já devia conhecer estes expedientes.... Ouvi pacientemente o desfraldar dos argumentos. Ao término de sua defesa, lancei a todos os presentes um questionamento que, devido à minha insignificância naquele contexto, foi tomado como letra morta. O questionamento foi o seguinte: o que é mais importante: a forma ou a essência? Nenhum dos doutores presentes me respondeu nem quis comigo continuar a argumentação, certamente porque aquela era uma questão de somenos importância. Debelou-se a questão e a reunião tomou o rumo dos assuntos mais práticos.

Passado algum tempo, lendo uma biografia de Albert Einstein, pude textualmente constatar que uma das características mais marcantes do manuscrito da teoria da relatividade – e que mais tarde chamaria a atenção da crítica especializada - foi o fato de, em suas 16 páginas, não apresentar citações, já que ninguém jamais houvera ido até aquele ponto em que o jovem Einstein chegara.

Realmente lembrei da reunião de colegiado e pensei em apresentar a biografia à professora, mas a ideia não prosperou. Ademais, creio que ela não se lembraria de nossa contenda e, se lembrasse, não acataria para sua prática aquele ensinamento que não vinha exatamente por mim, mas por Einstein, mas que, de um ou de outro modo, não abalaria suas convicções.

Passado mais algum tempo, quando realizava alguns estudos sob a chancela de uma outra universidade – encontrei o que vos transcrevo abaixo, devidamente ajustado segundo as regras da ABNT: “certamente o caminhão é um veículo em vários sentidos, pois transporta tanto o para-choque como um texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 183). O trecho ora em comento – está claro – segue todo o protocolo formal prescrito pelos institutos competentes, e, como já se pôde comprovar, passa longe do que se compreende por *strictu sensu*... Dito de outra maneira, não basta ter forma se não há conteúdo.

Este não pretende ser, todavia, um discurso contra a forma. Indiscutivelmente, ela cumpre um propósito. Mas não se pode preterir a forma à essência sob pena de imperdoável pedantismo e, muito mais grave, ilogismo sustentado pela tradição de um protocolo vazio. Parece-nos que determinados segmentos do ensino superior se encharcam destes protocolos e esquecem-se das simples obviedades.

Nesse sentido, estes setores supramencionados carecem de urgente exame e indiscutível renovação. Urge que o ensino superior se refrigere de mentes que sejam capazes de inovar, mas uma inovação que promova a essencialização do raciocínio, em detrimento de formalismos inoperantes.

Já está na hora de certas mentes obscuras que integram o ensino superior imbuírem-se da responsabilidade que juraram e que têm diante da sociedade. A universidade é um espaço totalmente livre onde deve prevalecer o diálogo político, social, filosófico, histórico, pedagógico. Neste espaço não há o proibido, o censurado, o oculto. Ali, mentes se encontram e constroem os saberes que apontarão os rumos das gerações vindouras. Tais fatos impõem-nos seriedade. E isto está muito além de um simples protocolo.

Os editores.

REVISTA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS DO CARIRI